

“Prenga xascú ço qui millor li és de mon dit”.
Creació, recepció i representació de la
literatura medieval



Coordinat per MERITXELL SIMÓ

Edició de GEMMA AVENOZA, ANTONIO CONTRERAS, GLÒRIA SABATÉ i LOURDES SORIANO

cilengua

SAN MILLÁN DE LA COGOLLA
2021

Todos los artículos publicados en esta obra han sido sometidos a un proceso de evaluación por pares.

COMITÈ CIENTÍFIC

Vicenç Beltran Pepió (Sapienza Università di Roma)
María del Rosario Aguilar Perdomo (Universidad Nacional de Colombia)
Carmen Elena Armijo Canto (Universidad Nacional Autónoma de México)
Anna Bognolo (Università di Verona)
Gloria Chicote (Universidad Nacional de La Plata)
María Luzdivina Cuesta Torre (Universidad de León)
Isabel de Barros Dias (Universidade Aberta de Lisboa)
María Xesús Lama López (Universitat de Barcelona)
Susan L'Engle (Saint Louis University, Vatican Film Library Department)
Pilar Lorenzo Gradín (Universidade de Santiago de Compostela)
José Manuel Lucía Megías (Universidad Complutense de Madrid)
Anna Maria Mussons (Universitat de Barcelona)
Maria Ana Ramos (Universität Zürich)
Rafael Ramos Nogales (Universitat de Girona)
Harvey L. Sharrer (University of California Santa Barbara)
Albert Soler Llopart (Universitat de Barcelona)
Lourdes Soriano Robles (Universitat de Barcelona)
Cleofé Tato García (Universidade da Coruña)

COMITÈ ASSESSOR

María del Rosario Aguilar Perdomo, Mariña Arbor, Anna Alberni, Carmen Elena Armijo Canto, Carme Arronis, Fernando Baños, Vicenç Beltran, Hugo O. Bizzarri, Julia Butiñá Jiménez, José Manuel Cacho Bleuca, Mariano de la Campa, Isabel Clúa Ginés, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Esther Corral, María del Mar Cortés Timoner, María Luzdivina Cuesta Torre, Antonio Chas Aguión, Isabel de Barros Dias, Charles B. Faulhaber, Anna Fernández, Aviva Garribba, Fernando Gómez Redondo, Helena González, Daniel Gutiérrez Trápaga, Alejandro Higashi, María Xesús Lama López, Magdalena León, Karla Xiomara Luna Mariscal, Lluïcia Martín Pascual, Josep Lluís Martos, Rafael M. Mérida Jiménez, Annalisa Mirizio, Filipe Alves Moreira, Anna Maria Mussons, Veronica Orazi, Gemma Pellissa, Óscar Perea Rodríguez, Joan M. Perujo, Isabel de Riquer, Rafael Ramos, Antoni Rossell, María Sanz, Joseph T. Snow, Harvey L. Sharrer, Isabella Tomassetti, Gema Vallín Blanco, Aurelio Vargas Díaz-Toledo, Andrea Zinato

© Cilengua. Fundación San Millán de la Cogolla

© de la edición: Meritxell Simó, Gemma Avenozza, Antonio Contreras, Glòria Sabaté, Lourdes Soriano

© de los textos: su autor

I.S.B.N.: 978-84-18088-13-1

D. L.: LR 1031-2021

THEMA: DCF, DCQ, DSG, DSBB, DSC, DSK, HBLC1

Impresión y maquetación: Solana e Hijos Artes Gráficas, S.A.U.

Impreso en España. Printed in Spain

A la memòria de Gemma Avenoza

D. LOURENÇO VICENTE, PRIMAZ DE BRAGA: A (RE)CONFIGURAÇÃO DE UM HERÓI

Natália ALBINO PIRES

*Escola Superior de Educação – IPC / Cátedra UNESCO em
Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional: Interligar
Patrimónios – UÉvora / Instituto de Estudos de Literatura e
Tradição – NOVA FCSH / Centro de Investigação em Artes e
Comunicação – UAlg / Centro de Estudos Históricos da Lourinhã*

Resumo: A figura histórica de D. Lourenço Vicente, Arcebispo de Braga nos reinados de D. Fernando e de D. João I, encontra-se envolta em mistério porquanto das suas origens e do seu percurso até se tornar Arcebispo pouco se sabe. Da figura histórica, destacam-se a sua intrepidez e a vincada personalidade e retidão que lhe valeram alguns inimigos, atributos encomiados pelo seu primeiro biógrafo, D. Rodrigo da Cunha, e por Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I*. Partiremos do episódio da construção das galés (presente na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes) que secundam na libertação de Lisboa durante a crise de 1383-1385 e, centrando a nossa atenção em três textos dados à estampa durante o século XX, procuraremos mostrar como neste século se procedeu a uma (re)construção literária da figura de D. Lourenço Vicente que o apresenta e sedimenta como herói nacional e regional, imagem que ainda hoje sobrevive no imaginário popular de uma região. Partiremos do episódio medieval, mas centraremos a nossa atenção em três textos: um publicado em 1935 da autoria de Emília de Sousa Costa, outro publicado no jornal *Redes e Moinhos* em 1955 da autoria do Padre Carlos Mateus e outro publicado em 1992 da autoria de Frei Henrique Perdigão.

Palavras-Chave: D. Lourenço Vicente, receção, recriação literária, imagologia, estado Novo.

Abstract: The historical figure of D. Lourenço Vicente, Archbishop of Braga in the reigns of D. Fernando and D. João I, is shrouded in mystery, as of his origins and of his journey to become Archbishop little is known. From the historical figure one may highlight his intrepidity and the sharp personality and uprightness that earned him some enemies, attributes praised by his first biographer, D. Rodrigo da Cunha, and by Fernão Lopes, in the *Chronicle of D. João I*. We will start from the episode of the construction of the galleys (present in the *Chronicle of D. João I*, by Fernão Lopes) that supports the liberation of Lisbon during the crisis of 1383-1385 and, focusing our attention on three texts given to the print during the 20th century, we will attempt to demonstrate how, in this century, a literary reconstruction of D. Vicente Lourenço's figure was undertaken, which portrays and grounds him as a national and regional hero, an image that still survives on the popular imaginary of a region. Then, we will focus on three modern texts: one that was published in 1935 authored by Emilia de Sousa Costa, another one published on the newspaper *Redes e Moinhos* in 1955 authored by Padre Carlos Mateus and another one published in 1992 authored by Frei Henrique Perdigão.

Keywords: D. Lourenço Vicente, reception, Literary recreation, Imagology, “Estado Novo”.

1. INTRODUÇÃO

Enigmático e fascinante, envolto em mitos e lendas, D. Lourenço Vicente não deixa indiferente quem procura conhecê-lo melhor.

O nosso encontro deu-se quando, no âmbito de uma pesquisa mais alargada que vimos desenvolvendo há algum tempo sobre os mecanismos do constructo identitário e sobre o papel de alguns géneros da literatura tradicional para a construção de um imaginário coletivo identitário no seio das comunidades, passamos a centrar a nossa atenção em lendas relativas a figuras históricas.

Nesta sequência, constatamos que a figura de D. Lourenço Vicente inspirou um número significativo de lendas e narrativas e, desde então, temos vindo a analisar as fontes escritas (da Idade Média à atualidade) no sentido de procurar perceber em que medida contribuíram, e têm contribuído, para a configuração da sua faceta heroica e para a estruturação do imaginário coletivo de uma região.

Por falta de espaço, não podemos discutir aqui a construção literária da sua faceta heroica na literatura, escrita e oral/tradicional, num tão vasto período como o que medeia Fernão Lopes e o século XXI. Trazemos, por isso, à luz apenas algu-

mas reflexões sobre a construção mítico-lendária desta figura histórica, procurando ampliar outros trabalhos já publicados sobre esta matéria.¹ Para tal, partiremos do episódio da construção das galés (presente na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes)², que secundam na libertação de Lisboa durante a crise de 1383-1385, e centramo-nos em três textos dados à estampa durante o século XX. Muito particularmente, trazemos ao debate o texto «Frades ou Carpinteiros?», uma lenda que recupera o episódio lopiano publicada por Emília de Sousa Costa na sua obra *Lendas de Portugal*;³ uma versão da lenda sobre as origens de D. Lourenço Vicente publicada, em 1955, pelo Padre Carlos Mateus no jornal *Redes e Moinhos*⁴ à qual não atribui título e, ainda, outra versão da lenda, também sem título, sobre as origens do Arcebispo publicada por Frei Henrique Perdigão, em 1992.⁵

A partir da análise destes textos, procuraremos mostrar como no século XX se procedeu a uma (re)construção literária da figura de D. Lourenço Vicente que o reitera como herói nacional e regional e, simultaneamente, o mantém vivo no imaginário popular de uma região.

1. Referimo-nos em particular aos trabalhos Natália ALBINO PIRES, «D. Lourenço Vicente, Primaz de Braga: entre a história, o mito e a lenda», em *Representações do mito na história e na literatura*, ed. Ana Luísa Vilela - Elisa Esteves - Fábio Mário Silva - Margarida Reffóios, Évora, Universidade de Évora - CEL - Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora, 2014, pp. 151-162; Natália ALBINO PIRES, «Do constructo literário da figura de D. Lourenço Vicente à (re)construção de uma identidade coletiva», em *Atas do VI Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa*, 2017 (no prelo).
2. Fernão LOPES, *Crónica de D. João I*, intr. Humberto BAQUERO MORENO, 2 vols., Porto, Editorial Civilização, 1983.
3. Emília de Sousa COSTA, *Lendas de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1935, pp. 43-45. Emília de Sousa Costa (1877-1959) possui uma vastíssima obra na qual deixa patente o seu pensamento sobre a educação da mulher e da criança. Da sua obra, que carece, no entanto, de estudos mais aprofundados, sobressaem diversos contos, novelas, romances, entre outros. Juntamente com outras figuras femininas (como Carolina Beatriz Ângelo, Ana de Castro Osório, Irene Lisboa, Florbela Espanca, Maria Archer, entre muitas outras), representa a afirmação da liberdade feminina na sociedade patriarcal do período compreendido entre o último quartel do século XIX e a 1ª metade do século XX. O nosso trabalho não contempla especificidades sobre a vida e obra da autora pelo que, para informações específicas sobre a importância da sua obra para a cultura portuguesa, cf., por exemplo, Carlos NOGUEIRA, «Emília de Sousa Costa, educação e literatura», *Revista Lusófona de Educação*, 23 (2013), pp. 159-178, sendo possível a partir do seu trabalho conhecer a pouca bibliografia disponível sobre a autora.
4. P. Carlos MATEUS, *Redes e Moinhos*, nº 21, 10 de julho de 1955, pp. 1 e 3. Até ao momento, não nos foi possível encontrar dados biográficos do Padre Carlos Mateus.
5. Frei Henrique PERDIGÃO, *Subsídios para a História da Ribeira de Palheiros*, Braga, Edição do Autor, 1992, pp. 47-48.

2. REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DE D. LOURENÇO VICENTE

A referência mais antiga à figura de D. Lourenço Vicente na literatura encontramos-na na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes. No texto, o cronista expõe em diversos momentos a participação ativa do Arcebispo ao lado da facção do Mestre de Avis e deixa patente a estima que D. João I nutria por ele. Em particular, Fernão Lopes descreve no cap. CX da Primeira Parte o substancial contributo de D. Lourenço Vicente na supervisão da construção das galés que viriam a coadjuvar na libertação de Lisboa do jugo castelhano:

[...] E pera armar as gallees foi dado emcarrego a dom louremço Arçebispo que emtom era de Bragaa, o quall o tomou muito de voomtade; e começou logo de as mamdar poer nos vasos e deitar a agua; e tall aficamento e tamtas gemtes fazia jumtar a este trabalho, que as mais dellas foram deitadas aas mãaos na agua sem cabrestamte. E elle amdava pella çidade em çima dhuũ cavallo e duas cotas vestidas e o rroxete em çima, e huũa lamça na mão, o ferro sempre por deamte. E posto que os da çidade com boom desejo se offereçessem aaquelle trabalho, aimda os elle mais aficava, nom leixamdo nehuũ de quallquer estado que fosse; em guisa que nom ficava clerigo nem frade, nem outra pessoa que todos alli nom fizesse chegar. E se lhe alguũ dizia que era clerigo, e ell rrespondia que assi era clerigo como elle; e o que lhe dezia que era frade: *E eu arçebispo que he melhor que frade* dizia elle. E tall aguça pos em nas armar, que em breves dias foram armadas doze gallees; e verherom mais huũa galle e huũa galliota armadas do Algarve [...] ⁶

Deste episódio lopiano, e de diversas outras passagens da *Crónica* de D. João I em que o Arcebispo é referido,⁷ salienta-se a construção literária da imagem de D. Lourenço Vicente. Trata-se de um homem fiel ao Mestre de Avis, mas, sobretudo, de um homem tenaz, resoluto e intrépido, um líder capaz de congregar um grande número de pessoas. Do episódio das galés, sobressai, no entanto, a capacidade de pôr de lado a sua posição social em prol do trabalho comunitário, impedindo, através do exemplo de humildade, que aqueles que se encontram

6. Fernão LOPES, *Crónica de D. João I*, ed. cit., p. 212.

7. Não cabe neste estudo proceder ao levantamento das referências a D. Lourenço Vicente no texto de Fernão Lopes nem evidenciar a forma como o cronista salienta, ao longo da *Crónica* de D. João I, o apoio que D. Lourenço dá ao Mestre de Avis durante todo o período da crise de sucessão dinástica de 1383-1385. Remetemos para o estudo de Isabel BARROS DIAS («D. Lourenço Vicente nas Crónicas de Fernão Lopes: retrato de um homem estrategico e apaixonado») que, não obstante estar no prelo no momento de redação deste estudo, nos foi gentilmente cedido pela autora.

numa posição hierárquica inferior ou igual desistam de participar na construção das embarcações.

Na realidade, o relato lopiano caracteriza-se por conter já o embrião dos artifícios literários que viriam a ser reutilizados em diversas fontes escritas subsequentes e que contribuem para a estruturação, com particular ênfase a partir do século XVII, de uma imagem heróico-mítica de D. Lourenço Vicente.

Consideremos apenas alguns exemplos. D. Rodrigo da Cunha⁸ dedica ao Arcebispo 5 capítulos nos quais narra diversos aspetos da sua vida, nomeadamente o episódio da construção das galés. No seu relato, exalta a tenacidade e a intrepidez de D. Lourenço Vicente, assim como a sua capacidade de liderança, obrigando todos a participar na construção das embarcações.⁹ Duarte Nunes de Leão, no cap. XXVIII de *Crónicas del Rey Dō Ioam de gloriosa memoria o I* retoma o episódio lopiano,¹⁰ conservando os elementos que caracterizam D. Lourenço como intrépido e como líder afincado da proteção de Lisboa. George Cardoso sintetiza as narrações anteriores,¹¹ mantendo o pormenor relativo à autodeterminação de

8. D. Rodrigo da CUNHA, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, ed. José MARQUES, Braga, Barbosa e Xavier, 1989 [reprodução fac-similada da Edição de 1635].
9. Diz-nos D. Rodrigo da CUNHA, *Ibid.*, p. 202: «[...] Assistio com estremado valor ao cerco de Lisboa, quando sobre ella veyo com poderosa armada por mar, e grande exercito por terra, el-Rey D. Ioaõ o I. de Castella, tomou à sua conta preparar os nauios, e galles, que auiam de defender a barra, e porque ninguem se escusasse do trabalho, elle era o primeiro em trazer por sua propria pessoa a madeira, e outros materiaes necessarios à obra. Sobiasse outras vezes sobre um caualo, armado de todas armas, com o roxete por cota, e com hũa lança na mão obrigaua a todos trabalhar naquela grande necessidade. Aos Clerigos que se lhe escusauão com as ordens, respondia, que tambem elle era Clerigo, e aos Religiosos, que era Arcebispo, e Primaz, e com tudo se não dava por escuso, como cõ seus proprios olhos vião. Montou tanto esta sua diligẽcia, que em breuissimo tempo laçou ao mar doze Galles, fora outro graõ numero de naos, e galleotas, em que os inimigos acharão grande resistencia [...]».
10. Duarte Nunes LEÃO, *Crónicas del Rey Dō Ioam de gloriosa memoria o I, deste nome, e dos Reys de Portugal o X. e as dos Reys D. Duarte, e D. Affonso o V*, Lisboa, por Antonio Alvarez, impressor Del Rey, 1643, pp. 81-82. Na sua *Crónica* podemos ler: «[...] ouue o Mestre de armar as Naos, e Galés, que auia no Porto, para estarem prestes para embargar a entrada nauios, se entretanto viessem, e pera segurança dos que para a Cidade se vinhão, e defensão do porto, com as mais que a Cidade do Porto esperaua, e deu o cargo disto a Dom Lourçeo Arcebispo de Braga, o qual cõ muita diligencia andaua em cima de hum caualo armado, cõ seu roxete sobre as armas, com hũa lança nas mãos, mandando todos trabalhar. E se algum escusandose dizia que era Clerigo, dizia-lhe que tambem elle o era, e se lhe dizia que era frade, respondia, e eu Arcebispo, que he mais. E em breue tempo foraõ armadas doze Galés, a fora certas Galeotas que vieraõ do Algarue. Sêdo armadas sete naos e as Galés, fez capitaõ dellas a Gonçalo Rodriguez de Sousa [...]».
11. George CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal*, Tomo III, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeck de Mello, 1666, pp. 540-541: «[...] No cerco de Lisboa, quando veio sobre ella elRei D. João I de Castella, cõ poderosa Armada por mar, e copioso exercito por terra, tomou à sua conta preparar as embarcações, que auião defen-

D. Lourenço Vicente na construção das embarcações e à sua demonstração de capacidade de liderança no processo que viria a fustigar os castelhanos no cerco de Lisboa. Joseph Soares da Sylva dedica um capítulo inteiro à vida do Arcebispo¹² e, no tomo III, retoma o episódio da construção das galés, reiterando o caráter de líder intrépido de D. Lourenço Vicente¹³ e patenteando a exemplaridade das suas ações.¹⁴

Analisemos, então, os textos dados à estampa durante o século XX e vejamos como se constrói a imagem literária do Arcebispo na modernidade.

2.1. «Frades ou carpinteiros?» de Emília de Sousa Costa

Se bem que o texto «Frades ou Carpinteiros?» nos seja identificado pela autora como uma lenda e nele se assuma tratar-se de um texto vertido da tradição para a escrita («E afirma a tradição»¹⁵), identificam-se nele similitudes com a versão editada por Sylva¹⁶ e diversos aspetos característicos do processo autoral.

der a barra, obrigando a todos com sua assistencia a trabalharem naquela apertada necessidade. E montou tanto a dilligencia que breuemente lançou ao mar doze galés, alê de outro copioso numero de naos em que os inimigos acharão grande resistencia [...]».

12. Joseph SOARES DA SYLVA, *Memorias para a Historia de Portugal, que comprehendem o governo delrey D. João I do anno de mil e trezentos e oitenta e tres, até o anno de mil e quatrocentos e trinta e três*, Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva - Impressor da Academia Real, 1731, tomo II, pp. 569-580.
13. Joseph SOARES DA SYLVA, *Memorias para a Historia de Portugal, que comprehendem o governo delrey D. João I do anno de mil e trezentos e oitenta e tres, até o anno de mil e quatrocentos e trinta e três*, Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva - Impressor da Academia Real, 1732, tomo III, p. 1050: «[...] Desvanecida a expedição de Alemquer, continuou o Mestre em dispor a sua Armada para se oppor à do inimigo porque esperava, e assim mandou tomar, e armar em guerra todas as embarcações, que se achavao no porto de Lisboa, cuja diligencia fiou do cuidado, e vigilancia do Arcebispo de Braga D. Lourenço, o qual com incessante desvelo, e officiosa actividade, a applicava de sorte, que com huma lança nas mãos, e o Rochete sobre as armas, montado em hum cavallo, andava discorrendo tudo, e fazendo trabalhar a todos, com a devida proporção ao seu ministerio; e se algum Clérigo, ou Frade se escusava com o seu character, lhe respondia: Que tambem elle era Sacerdote, como elles, e Arcebispo, que era mais, que elles; e esta mesma diligencia repetia no mar, quando era necessario, embarcando-se, e passando a bordo das Galés, ou Naos, com cuja presença tinha o mesmo calor esta expedição no mar, como na terra. Como se não perdoava trabalho, nem perdia tempo, dentro em muito pouco se aprestaraõ sete Naos, treze Galés, e huma Galeota [...]».
14. Numa outra passagem, SYLVA, *Ibid.*, p. 1071, refere as ações de D. Lourenço Vicente como exemplares e modelo a seguir: «[...] vendo ser o primeiro em todo o exercicio o Arcebispo D. Lourenço, como já em parte fica referido [...]».
15. COSTA, *Lendas de Portugal*, ob. cit., p. 44.
16. SYLVA, *Memorias*, ob. cit., t. III, p. 1732.

Quando comparado este texto com os anteriores relatos, nomeadamente com o episódio lopiano, imediatamente se constata múltiplas diferenças. Antes de mais, o texto da autora é a maior versão do episódio da construção das galés. Em segundo lugar, contrasta a narratividade e a presença de modalizadores do discurso e de estruturas linguísticas específicos da linguagem literária não tradicional,¹⁷ em especial a adjetivação utilizada para a caracterização de D. Lourenço Vicente que nos obriga a afastá-lo da tradicionalidade e a aproximá-lo dos produtos literários de autor. Atente-se nos exemplos:

[...] O arcebispo D. Lourenço, alma firmemente lusiada e homem de rara energia, segue o partido do Mestre de Aviz, vibrante de entusiasmo. D. João I conhece o arcebispo, a sua coragem inquebrantável, o seu animo valeroso, a sua dedicação patriótica. [...] ¹⁸

ou

[...] D. Lourenço mede-os da cabeça aos pés com altivez, arrogância e indignação. A custo domina a colera. E como andava sempre de um lado para outro, a cavalo, de lança em riste, a orientar e vigiar, desmonta rapidamente. Seus olhos faíscam. Os seus dentes entrechocam-se e rangem. Arregaça as mangas das vestes prelaticias. Toma nas mãos, ageis e fortes, a primeira ferramenta que lhe aparece. Majestoso e violento, carpinteira com habilidade e destreza, calefeta com ardor e precisão, enquanto responde [...] ¹⁹

Se, dos relatos anteriores, o leitor tem de subentender, em alguns momentos, a caracterização do Arcebispo a partir das ações descritas, neste texto o narrador adjetiva a figura de D. Lourenço. Mantém-se a imagem de um homem tenaz, resoluto, intrépido e líder. Mas amplificam-se as suas qualidades, mostrando-se-nos uma outra faceta menos positiva do seu caráter: a altivez e a arrogância. No texto de Emília de Sousa Costa, encontramos pela primeira vez a referência

17. Importa ter presente que, embora apresentem semelhanças, o conto tradicional e o conto autoral se distanciam, sobretudo, na extensão, nas indicações espaço-temporais e na densidade ou quantidade das personagens intervenientes, para além de apresentarem aspetos linguísticos que os diferenciam. O mesmo se passa com a lenda. Para informações mais específicas sobre as diferenças entre conto/lenda tradicional e autoral, cf., por exemplo, Carlos REIS - Ana Cristina Macário LOPES, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 1990; Vítor Aguiar e SILVA, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1991; Domício Proença FILHO, *A Linguagem Literária*, São Paulo, Ática, 2001.

18. COSTA, ed. cit., p. 43.

19. *Ibid.*, p. 44.

de que o Arcebispo trabalha arduamente na construção das embarcações com as suas próprias mãos. Neste texto, a configuração literária do caráter humilde da personagem passa exatamente por mostrar como a sua condição social não o impede de deitar a mão ao trabalho e exercer uma tarefa considerada própria das classes mais baixas, reiterando, aliás, uma ideia já implícita no texto de Joseph Soares da Sylva. Este texto do século XX contrasta com os anteriores, também, na resposta que a personagem dá àqueles que questionam a adequabilidade da sua condição social à tarefa a desempenhar, porquanto não se trata apenas de uma atualização da frase que, segundo Fernão Lopes, D. Lourenço terá dito:

[...] E eu que sou arcebispo não trabalho também? Para a frente, homens de animo frouxo! Por honra e gloria da nossa Patria sempre livre! Servir a Patria é louvar a Deus, homens de pouco brio e pouca fé! [...] ²⁰

Claramente, neste excerto, identificamos um incitamento nacionalista, um hino patriótico, totalmente ausente das versões anteriores. Mais ainda, no parágrafo final do texto o narrador identifica D. Lourenço como metáfora da devoção e amor patriótico:

[...] A peste nos arraiais castelhanos e a bravura indomita dos portugueses completam a obra a que D. Lourenço deu a exaltada devoção do mais acendrado amor patriótico [...] ²¹

Indiscutivelmente, Emília de Sousa Costa deixa transparecer, neste texto e na construção da personagem D. Lourenço, o nacionalismo romântico que a viu nascer e, simultaneamente, o nacionalismo cultural integralista e salazarista ²² da sua adultícia. Portanto, o seu contributo para a construção literária da imagem de D. Lourenço Vicente deve ser observado à luz das conceções de identidade nacional do seu tempo. ²³

20. *Ibid.*, pp. 44-45.

21. *Ibid.*, p. 45.

22. Adotamos as palavras de Luís Reis TORGAL, *Estados Novos. Estado Novo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, <<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0381-0>> [03/12/2018].

23. Não faz parte do âmbito deste estudo a revisão do processo/dos processos de construção do conceito de identidade nacional. Lembramos apenas que, durante o Estado Novo, pensadores e educadores procuram expor, exibir, definir e ostentar uma identidade nacional. Recordamos, ainda, que não se pode obliterar que o constructo de um espaço identitário tem acompanhado a evolução de todos os grupos sociais e se encontra presente em todas as culturas e épocas. Para informação mais pormenorizada, veja-se, por exemplo, José Manuel SOBRAL, «A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português», *Análise Social*, 37, 165

2.2. *Um relato ficcional em jeito de apontamento jornalístico*

No dia 10 de julho de 1955, é dado à estampa o 1º do que se pretendia ser uma série de artigos da autoria do Padre Carlos Mateus sobre D. Lourenço Vicente. Trata-se, este primeiro texto, de um apontamento jornalístico no qual, após uma série de elucubrações preambulares sobre a inscrição de grandes vultos nos anais da História, o autor justifica a referência a D. Lourenço Vicente e apresenta a lenda relativa às suas origens humildes e ao seu local de nascimento. Neste primeiro texto sobre a vida de D. Lourenço não há qualquer referência à sua participação na construção das galés. No entanto, o texto do Padre Carlos Mateus é fundamental para o processo de configuração literária da imagem do Arcebispo e para a sua inscrição na memória das populações na região Oeste, em particular no concelho da Lourinhã.

Tal como Emília de Sousa Costa, o Padre Carlos Mateus assevera que o texto por si transcrito é um texto tradicional, afirmando, ainda, que se trata de um texto vivo na memória dos lourinhanenses:

[...] esta é uma narrativa, de sabor lendário, que tem vindo de boca em boca através das gerações dos seus conterrâneos e ainda hoje se conta nas vizinhanças do Casal da Charrua [...] ²⁴

Este texto explora exatamente o facto de em nenhum dos relatos anteriores sobre a vida ou obra de D. Lourenço Vicente se nomearem os seus progenitores e o facto de as fontes serem totalmente omissas tanto sobre a sua juventude como sobre a obtenção dos recursos económicos que lhe permitiram cursar em Montpellier, Toulouse, Paris e Bolonha.

A personagem feminina da lenda parece-nos, porém, basear-se na referência que, segundo D. Rodrigo da Cunha, o próprio D. Lourenço faz, no seu testamento, a sua avó, Maria Vicente. Por seu turno, o pormenor veiculado pela tradição lendária de que D. Lourenço Vicente possuía uma especial inclinação para as letras encontra paralelo nas palavras de, por exemplo, D. Rodrigo da Cunha, de George Cardoso e de Joseph Soares da Sylva²⁵, que afixam que D. Lourenço «desde a sua puerícia foy tão inclinado a todo o genero de letras, que para mel-

(2003), pp. 1093-1126; Luís Reis TORGAL, *Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1981.

24. MATEUS, art. cit, p. 3.

25. Cfr. as obras dos autores citadas acima.

hor aprendellas deixou a Patria».²⁶ Observemos o que diz o texto publicado pelo Padre Carlos Mateus:

[...] diz a lenda que era pobre e vivia com a avó. Passavam por ali muitas vezes os reis e fidalgos a caminho da Atouguia e por isso conheciam o pequeno Lourenço, que sempre os ia passar. Um dia viram-no a riscar no chão com um graveto e perguntando-lhe o que estava fazendo, respondeu que estava a escrever. Tomaram isto como sinal de predestinação para as letras e, tendo-lhe perguntado se queria estudar, ao que respondeu afirmativamente, levaram-no para um colégio [...]²⁷

Quando analisado com mais atenção, este “relato lendário” revela semelhanças formais com outros subgéneros da literatura tradicional, sobretudo com o conto tradicional, tanto ao nível da estrutura actancial, como ao nível da estruturação das personagens e ao nível dos motivos presentes.²⁸ Atente-se, por exemplo, na falta de densidade psicológica das personagens e no motivo da partida do herói:²⁹

[...] Passavam por ali muitas vezes os Reis e fidalgos a caminho da Atouguia e por isso conheciam o pequeno Lourenço que sempre os ia ver passar. Um dia viram-no a riscar o chão com um graveto e perguntaram-lhe o que estava fazendo, respondeu que estava a escrever. Tomaram isto como um sinal de predestinação para as letras [...]. Teria sido assim que, segundo a lenda, o pequeno Lourenço desapareceu do Casal da Charrua, deixando a sua avó lavada em lágrimas [...]³⁰

ou no motivo do seu reconhecimento:³¹

26. SYLVA, *Memorias*, ob. cit., t. II, p. 570.

27. MATEUS, art. cit., p. 3.

28. Natália Albino PIRES («D. Lourenço Vicente, Primaz de Braga...», art. cit., 2014) mostra as similitudes entre este texto e o conto tradicional, sobretudo ao nível da estruturação das personagens e ao nível da recuperação dos motivos do percurso iniciático e do reconhecimento da personagem no regresso a casa.

29. No conto tradicional, amiúde uma personagem, ou várias, abandonam a casa paterna/materna. Nuns casos, a partida dá-se por imposição paterna/materna, noutros casos, pela necessidade de resolução de um enigma/problema e, noutros ainda, por opção da própria personagem. Na análise actancial do conto tradicional, admite-se que o tempo que medeia a partida do herói da casa natal e o seu regresso corresponde ao processo iniciático necessário para a sua (con)formação ética e moral. Também para o conto tradicional, aceita-se que o retorno do herói à casa natal representa, simultaneamente, o reconhecimento da sua evolução ético-moral e a ratificação da sua heroicidade.

30. MATEUS, art. cit., p. 3.

31. Em diversos géneros narrativos da literatura tradicional é frequente o motivo do reconhecimento do herói a partir de uma cicatriz, de um sinal corporal de nascença ou de um objeto que guarda.

[...] Recordar-se então da sua avó e foi até ao Casal da Charrua, onde encontrou viva a velhinha entregue ao seu desgosto. Perguntou-lhe porque vivia só e ouviu, com muitas lágrimas da avó, a narração do desaparecimento do seu netinho. O arcebispo indagou ainda se o conheceria se o tornasse a ver. A velhinha disse que sim, pois o seu netinho tinha um sinal nas costas pelo qual o conheceria imediatamente. Então o arcebispo abriu as vestes prelatícias e deu-se a conhecer à avó [...]³²

Para compreender o contributo do Padre Carlos Mateus, e do seu texto, para a construção e manutenção da imagem heróico-mítica de D. Lourenço, importa não perder de vista as reflexões que precedem a apresentação da lenda. Nestas considerações que antecedem «a evocação histórica duma figura lusíada de grande valor, que foi D. Lourenço Vicente, Arcebispo de Braga e conselheiro de El-Rei D. João I, e que foi o mais insigne filho da Lourinhã»,³³ o autor assume um discurso que patenteia, sem pejo, os traços do nacionalismo cultural, típicos do Estado Novo.

Se bem que este apontamento jornalístico é um claro encómio/um panegírico à figura do Arcebispo, ele é, antes de mais e indiscutivelmente, uma explícita tentativa de vinculação do valor da figura de D. Lourenço Vicente ao valor das gentes de um local e da terra que o terá visto nascer. O discurso da vinculação está evidente logo no subtítulo escolhido («Glória da terra que foi seu berço») e em diversos momentos como: «dos grandes vultos da História raras vezes se nomeia a terra da sua nacionalidade»; «A história esquece a pátria dos seus heróis, quando o seu valor ultrapassa os limites de um território»; «Se nem sempre no seu valor humano, são fruto do tempo em que viveram ou da terra que os viu nascer, esta não perde o direito de lhes chamar seus filhos e de se orgulhar dos seus méritos».³⁴

2.3. *Frei Henrique Perdigão: a literarização de uma lenda*

Longe dos ideais culturais do Estado Novo, Frei Henrique Perdigão dá à estampa a mais longa versão da lenda relativa às origens humildes de D. Lourenço Vicente.³⁵ Embora o autor nunca afirme ter recolhido o seu texto a partir da

32. MATEUS, art. cit., p. 3.

33. *Ibid.*, p. 1.

34. *Ibid.*, p. 1.

35. Durante o século xx, foram publicadas seis versões desta lenda. Mário Baptista PEREIRA, *Lourinhã - Subsídios para uma monografia*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã, 1996, publica a versão do Padre Carlos Mateus e duas versões que assevera terem sido recolhidas da tradição

tradição, termina-o com a síntese «isto é o que nos conta a lenda» e reitera a falta de dados relativos à infância de D. Lourenço.

Este texto, tal como a versão editada pelo Padre Carlos Mateus, não refere o episódio lopiano e explora, exclusivamente, a ausência de informação sobre as origens e puerícia do Arcebispo, ancora a personagem feminina na referência que, segundo D. Rodrigo da Cunha, o próprio D. Lourenço faz no seu testamento à sua avó e recupera o pormenor relativo à sua inclinação para as letras. Também este texto apresenta, ao nível dos motivos presentes, semelhanças formais com outros subgéneros da literatura tradicional, muito especialmente com o conto tradicional. Mantém-se o motivo da partida/regresso da personagem e o motivo do reconhecimento por um sinal corporal:

[...] O estranho personagem perguntou-lhe se passados tantos anos ela ainda seria capaz de o reconhecer.

– Sim, reconhecê-lo-ia pelo sinal que tem nas costas!

O Arcebispo muito delicadamente abeirou-se dela e mostrou-lhe o sinal, pelo qual ela o reconheceu [...] ³⁶

Não obstante, examinando o texto com mais acuidade, constatamos que se destaca pela extensão da sua narratividade, por uma maior densidade psicológica da personagem feminina, pela presença de modalizadores do discurso e de estruturas linguísticas que nos permitem afirmar estarmos perante uma transformação da lenda em conto através de um processo de literarização. No excerto que transcrevemos a seguir, atentemos, por exemplo, nas temporalizações incomuns ao texto tradicional, no léxico menos popular do que o expectável para um texto desta tipologia ou na caracterização psicológica da personagem feminina, contradizendo a característica tipificação das personagens:

[...] Vezes sem conta Maria Vicente foi à praia, e do alto das arribas mirava toda a costa com os olhos muito arregulados, na vã esperança de desvendar o corpo sem vida do seu querido netinho que era a sua única companhia e distração neste mundo.

oral; Rui Marques CIPRIANO, *Vamos falar da Lourinhã*, Lourinhã, Câmara Municipal da Lourinhã, 2001, publica uma versão sintética; Frei Henrique PERDIGÃO, *ob. cit.*, publica a versão que analisamos e a Câmara Municipal da Lourinhã, na sequência de um projeto conjunto com o Agrupamento de Escolas D. Lourenço Vicente, publica online uma outra lenda recolhida em 2013 (*Lourinhã, Património Cultural e Imaterial* disponível em <<https://en.calameo.com/read/0021808488fb03cd09217>> [17/7/2019]).

36. Frei Henrique PERDIGÃO, *ob. cit.*, p. 48.

Passava dias a fio sentada nos altos penedos da praia com as mãos a segurar o queixo, debulhada em lágrimas de desespero, na vã esperança de ver dar à costa os despojos do seu pequeno Lourenço. Por fim, já cansada de tanto esperar e sem esperança alguma de tornar a ver o seu tesoiro perdido, retirou-se para a sua velha casa triste e amargurada, onde vivia desolada e desgostosa os dias que lhe restavam de vida neste vale de lágrimas.

Passados anos, quando o sol se escondia na banda de lá do mar, estando sentada à porta da sua velha casinha, recordando pela milésima vez as traquinices do neto desaparecido, como que em sonho, viu desenhar-se-lhe em frente o rosto do neto sumido havia tantos anos. [...]. Este fala-lhe e pergunta-lhe a razão de tão grande tristeza e desgosto tão acentuado na face enrugada e nos cabelos brancos que lhe emolduravam o rosto de tez morena e ressequido pela brisa marítima [...]³⁷

Este texto, embora não recupere o episódio medieval da *Crónica*, sedimenta a imagem do Arcebispo junto da comunidade. Para compreender o contributo de Frei Henrique Perdigão, e do seu texto, para a construção e manutenção da imagem heróico-mítica de D. Lourenço, temos de considerá-lo, por isso, um produto literário. Na nossa ótica, ao processo de literarização da lenda subjaz uma intencionalidade. A densidade psicológica da personagem Maria Vicente (avó de D. Lourenço Vicente) e o seu longo sofrimento pela perda do neto poderão, eventualmente, ser interpretadas como peças de um jogo metafórico: a humildade e o sofrimento são o caminho expiatório para a consecução de grandes recompensas. Na nossa perspetiva, este constructo metafórico reconfigura literariamente o herói, restabelece a teia que sustenta as relações de pertença ao grupo, avaliza a sua importância para a comunidade e consolida-o no imaginário desse grupo.

3. D. LOURENÇO VICENTE: CONFIGURAÇÃO LITERÁRIA DO HERÓI

Ao analisar as referências a D. Lourenço Vicente, torna-se evidente que a estruturação da imagem heróico-mítica do Arcebispo tem início, exatamente, no episódio da construção das galés presente na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes. Os textos subsequentes ao texto lopiano que recuperam este episódio não se limitam, no entanto, a repetir a intrepidez do Arcebispo, a sua capacidade de liderança e a sua determinação. Os textos ulteriores ao texto lopiano que referimos acima e de que analisamos apenas um, mais do que preservarem os elementos principais que suportam a (en)formação da imagem heroica do Arcebispo (nomeadamente os elementos que permitem caracterizá-lo como intrépido líder

37. *Ibid.*, pp. 47-48.

e homem determinado), amplificam as qualidades da figura histórica e legitimam a heroicidade dos seus atos, contribuindo para a perpetuação da sua faceta heroica e para a sua sobrevivência no imaginário coletivo de uma região. Portanto, se o texto cronístico de Fernão Lopes inicia o processo literário de estruturação de uma imagem heroica de D. Lourenço Vicente, os textos subsequentes até ao século XX sedimentam e consolidam a sua faceta heroica.

Por seu turno, a inexistência de dados fidedignos sobre as origens e puerícia de D. Lourenço Vicente permite a estruturação da sua imagem mítico-lendária, cujo processo literário, do nosso ponto de vista, tem início no texto de D. Rodrigo da Cunha, o seu primeiro biógrafo. Essa falta de dados credíveis alicerça e consolida, por isso, até à atualidade o constructo metafórico que reforça as relações de pertença ao grupo, avaliza a sua importância e cimenta a figura histórica no imaginário de um grupo social.

Em suma, cremos que a configuração literária do herói nasce, por um lado, da tónica que as fontes escritas colocam na evidência do seu carácter e do seu apoio à fação do Mestre de Avis, futuro D. João I, e, por outro lado, que nasce do desconhecimento (e quiçá omissão voluntária) dos aspetos relativos a uma parte da vida do Arcebispo. Assim, parece-nos que o processo de configuração literária do herói tem início no texto cronístico de Fernão Lopes, porém a sua reconfiguração literária, metafórica, é um processo complexo e compósito porquanto se trata de um processo que vai ocorrendo em diferentes períodos e culmina com o texto (para nós literário) de Frei Henrique Perdigão.